

Lições para o próximo coronavírus: o olhar político de Calvino para a ciência

Lessons for the next coronavirus: Calvino's political gaze on science

Lecciones para el próximo coronavirus: la mirada política de Calvino sobre la ciencia

Vanina Carrara Sigrist  
FATEC Baixada Santista "Rubens Lara"

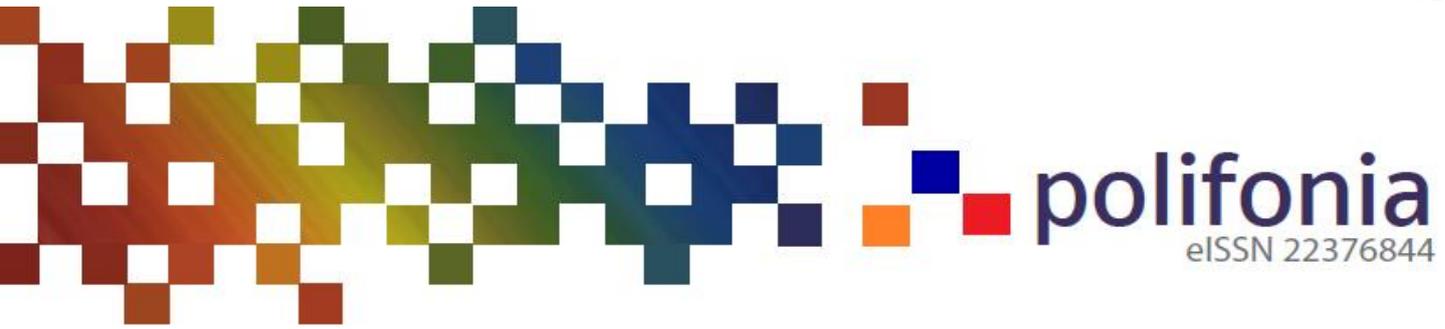
#### Resumo

Neste artigo, buscamos legitimar o debate "Calvino e a política", integrante da *Jornada Virtual Italo Calvino: Linhas de Força*, por meio de novos significados trazidos pelo atual cenário da pandemia do coronavírus, que também marca os 35 anos da morte do escritor italiano. Nosso objetivo é discutir seu envolvimento com a política através da análise do seu envolvimento com a ciência, já que esse processo que construiu historicamente à sua época coincide, em certa medida, com o processo que fomos levados a travar desde o início da grave crise socioeconômica e sanitária em que estamos. Revisamos uma bibliografia específica de seus escritos recolhidos na seção "Scritti di politica e costume" de *Saggi 1945-1985*, que revelam considerações suas sobre a ciência a serem projetadas na interpretação do nosso momento. A análise desse material tem abordagem explicativa e qualitativa, com viés cronológico, crítico e comparativo, a fim de que a atualidade da obra de Calvino seja realçada. Como resultado, elencamos quatro lições deixadas pelo escritor para o próximo coronavírus que a nossa geração ou as seguintes possivelmente enfrentarão: o abandono do medo perante a ciência, que exige repensar dogmas e preceitos incessantemente; o respeito ao modo próprio de operar da ciência, lento, cuidadoso e extenuante; a prática do autocontrole e do equilíbrio emocional para enfrentar desafios sociais que possam despertar exaltações de ânimo improdutivas; e o constante estado de alerta que devemos levantar contra os discursos abusivamente perturbadores da ordem vindos dos meios de comunicação.

**Palavras-chave:** Calvino e a política; ciência; lições.

#### Abstract

In this article, we seek to legitimize the debate "Calvino and politics", part of *Jornada Virtual Italo Calvino: Linhas de Força*, through new meanings brought by the current scenario of the coronavirus pandemic, which also marks the 35th death anniversary of the Italian writer. Our objective is to discuss his involvement with politics through the analysis of his involvement with science, since this process that he historically built at his time coincides, to a certain extent, with the process that we have been leading since the beginning of the serious socioeconomic and sanitary crisis we are in. We reviewed a specific bibliography of his writings collected in the section "Scritti di politica e costume" from *Saggi 1945-1985*, which reveal his considerations about science to be projected in the interpretation of our moment. The analysis of this material has an explanatory and qualitative approach, with a chronological, critical and comparative bias, so that the relevance of Calvino's work is highlighted. As a result, we list four lessons left by the writer for the next coronavirus that our generation or the



following ones may possibly face: the abandonment of fear in the face of science, which requires rethinking dogmas and precepts incessantly; respect for science's own slow, careful and strenuous way of operating; the practice of self-control and emotional balance to face social challenges that can awaken unproductive spirits; and the constant state of alert that we must raise against the abusively disturbing speeches of the order coming from media.

**Keywords:** Calvino and politics; science; lessons.

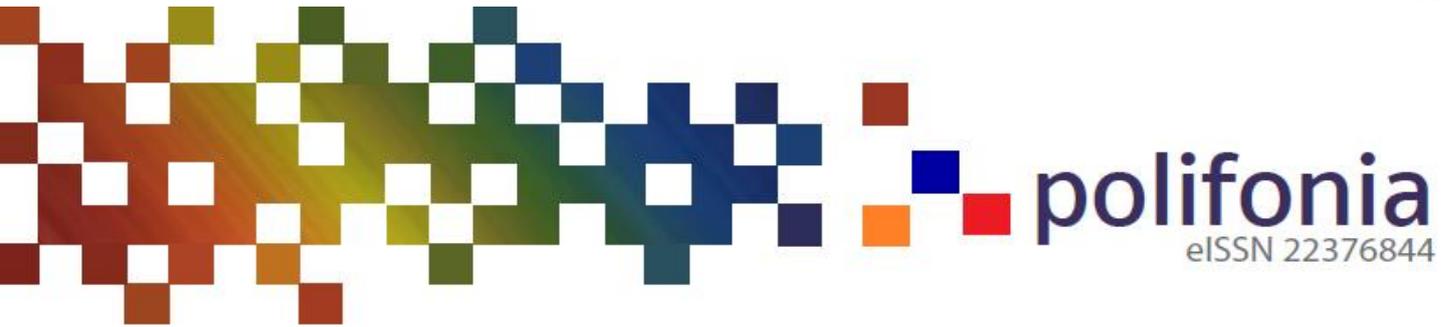
### Resumen

En este artículo buscamos legitimar el debate “Calvino y la política”, integrante del *Jornada Virtual Italo Calvino: Linhas de Força*, a través de los nuevos significados que trae el escenario actual de la pandemia de coronavirus, que también marca el 35 aniversario de la muerte del escritor italiano. Nuestro objetivo es discutir tu implicación con la política a través del análisis de tu implicación con la ciencia, ya que este proceso que históricamente construiste al mismo tiempo coincide, en cierta medida, con el proceso que venimos liderando desde el inicio de la seria. crisis socioeconómica y sanitaria en la que nos encontramos. Revisamos una bibliografía específica de sus escritos recogidos en la sección “Scritti di politica e costume” de *Saggi 1945-1985*, que revelan sus consideraciones sobre la ciencia, para ser proyectadas en la interpretación de nuestro momento. El análisis de este material tiene un enfoque explicativo y cualitativo, con un sesgo cronológico, crítico y comparativo, por lo que se destaca la relevancia de la obra de Calvino. Como resultado, enumeramos cuatro lecciones dejadas por el escritor para el próximo coronavirus que posiblemente enfrentará nuestra generación o la siguiente: el abandono del miedo ante la ciencia, que requiere repensar incesantemente dogmas y preceptos; respeto por la forma adecuada de operar en la ciencia, que es lenta, cuidadosa y extenuante; la práctica del autocontrol y el equilibrio emocional para enfrentar desafíos sociales que pueden despertar espíritus improductivos; y la vigilancia constante que debemos levantar frente a los discursos abusivamente perturbadores de la orden provenientes de los medios de comunicación.

**Palabras clave:** Calvino y la política; ciencia; lecciones.

### Introdução

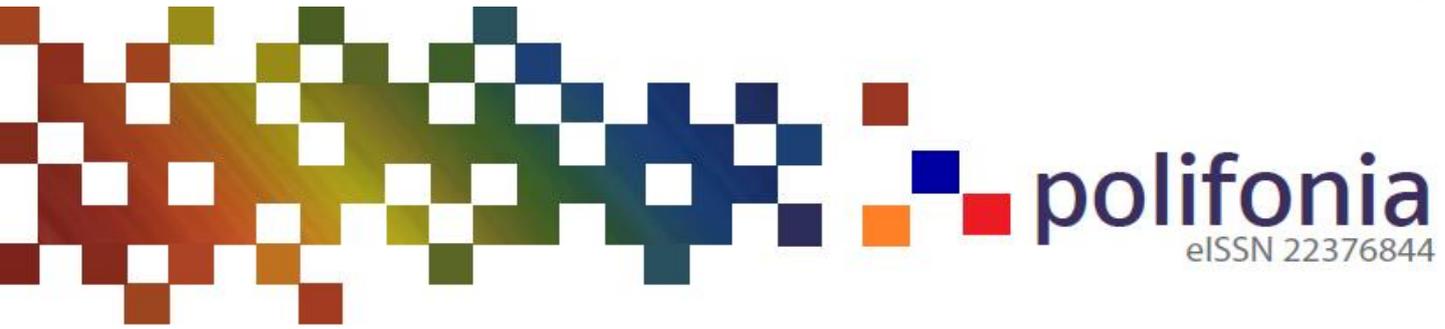
As possibilidades de análise de uma produção literária abundante e longeva são múltiplas. A reflexão sobre a obra de Italo Calvino aqui apresentada se enquadra na linha de força “Calvino e a política”, integrante da *Jornada Virtual Italo Calvino: Linhas de Força*, ocorrida em 18 de setembro de 2020, por meio de parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT), o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (POSLING/CEFET-MG) e o seu Departamento de Linguagem e Tecnologia (DELTEC/CEFET-MG), sob organização da Profa. Dra. Maria Elisa Rodrigues Moreira e da Profa. Dra. Bruna Fontes Ferraz.



Ainda que partamos desse enquadramento analítico, buscamos nos desviar dos caminhos já roteirizados que atravessam escritos ficcionais, jornalísticos, ensaísticos e epistolares do autor. Um deles certamente conduziria a seu primeiro romance, *A trilha dos ninhos de aranha* (2000). Vemos nele com muita evidência um narrador da Segunda Guerra e do pós-guerra italiano que transfigura cenas marcantes da resistência *partigiana* ao fascismo com um protagonista juvenil chamado Pin. É, portanto, uma aproximação certa do caráter político de sua obra. Assim como também é a consideração de sua figura como membro atuante do Partido Comunista Italiano (PCI) até 1957, legenda com que se lançou candidato a deputado três anos antes, fatos que nos encaminham diretamente aos seus textos periódicos mais engajados, em que se empenhava a discutir o momento histórico de plena Guerra Fria ou seus autores marxistas prediletos. Na própria carta que escreve justificando sua saída do PCI, Calvino valoriza a influência dessa sua experiência partidária emblemática em toda a sua obra até aquele momento (CALVINO, 2001, p. 2188-2191).

Também é inegável, no entanto, a constatação de que nossos tempos exigem a atualização interpretativa da linha de força política em Calvino. Não comemoramos os 35 anos de sua morte num ano qualquer. A data de 2020 que circunstancia a *Jornada Virtual* está imbuída de muitos significados essencialmente políticos. Trata-se do aparecimento de um novo coronavírus que chacoalha o planeta há quase dois anos. É em meio a uma pandemia mundial que recordamos os quarenta anos das contribuições muito lúcidas e sensíveis do escritor italiano. Acreditamos que a tal linha de força “Calvino e a política” não poderia ter sido mais legitimada pelas notícias recentes no Brasil e no mundo.

Nosso objetivo é discutir o envolvimento de Calvino com a política através da análise do seu envolvimento com a ciência, já que esse processo historicamente construído, à sua época, é semelhante ao processo que nos vemos impelidos a construir atualmente, num momento de grave crise. Fomos provocados a nos posicionar perante a ciência. O que pensamos dela? Em que acreditamos? Que argumentos priorizamos? Em que medida nos deixamos convencer? Que lado assumimos? Ao respondermos consciente ou inconscientemente como cidadãos globais



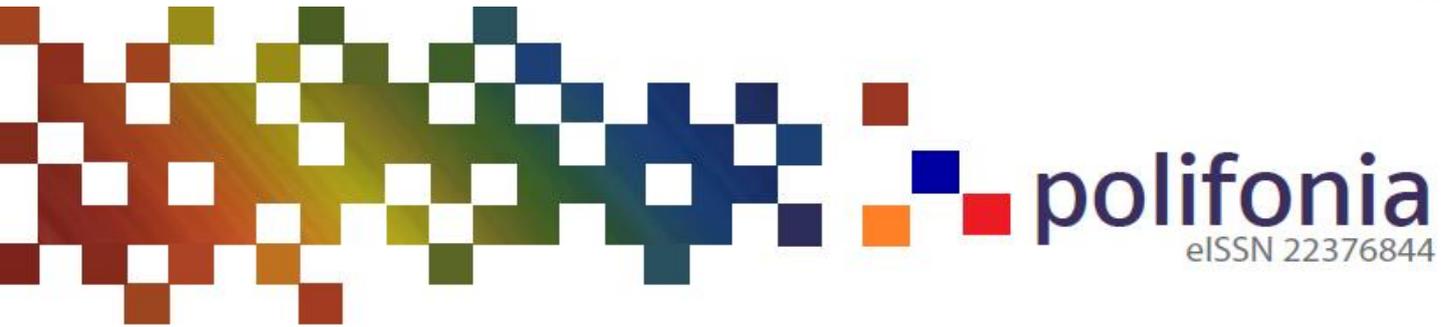
conectados e ciborguizados (em concordância com Haraway (2009)), estamos agindo politicamente – como tantas vezes fez Calvino em suas declarações.

Escolhemos, desse modo, revisar uma bibliografia específica de seus escritos recolhidos em *Saggi 1945-1985* (2001), que revelam considerações suas sobre a ciência, o seu papel de responsabilidade, o diálogo que estabelece com a sociedade e que a sociedade consegue estabelecer com ela, para que seja possível projetar tais reflexões nas nossas urgências políticas perante a ciência. Tais textos foram unicamente extraídos da seção “Scritti di politica e costume” (CALVINO, 2001, p. 2095-2360), que resulta de uma triagem temática sistematizada pelo organizador dos volumes, Mario Barenghi. Desse modo, garantimos o objetivo geral de percorrer textos circunscritos a temas nitidamente políticos, porém sem nos restringirmos a um debate *stricto sensu*, pois, como bem apresentado no título da seção, encontramos ali resenhas e crônicas sobre variados assuntos noticiados.

A análise desse material tem abordagem explicativa e qualitativa, com viés cronológico, crítico e comparativo, a fim de que a atualidade da obra de Calvino nessa conjuntura pandêmica seja realçada.

## 2. A leitura de Italo Calvino da ciência

Calvino lê a ciência politicamente. Colhe da ciência forças para se compor enquanto cidadão participativo e representante das letras e da cultura de seu país. Sua postura de leitor curioso ilumina nossa atualidade, pois durante a pandemia de Covid-19 sentimos de modo agudo que foram as implicações políticas do enfrentamento que mais peso tiveram frente às decisões técnicas na esfera da saúde pública no Brasil. Aqui a crise foi mal gerida desde o início, induzindo a números lamentáveis em diferentes setores: sociais, tomando por base infectados, mortos, desempregados, profissionais de saúde extenuados e todos os demais brasileiros direta e indiretamente abalados do ponto de vista emocional; técnicos, na contagem de leitos, medicamentos, respiradores, ambulâncias, tecnologias terapêuticas, quantidade de oxigênio, estrutura de hospitais de campanha, estrutura de incineração de corpos em massa, entre outros;



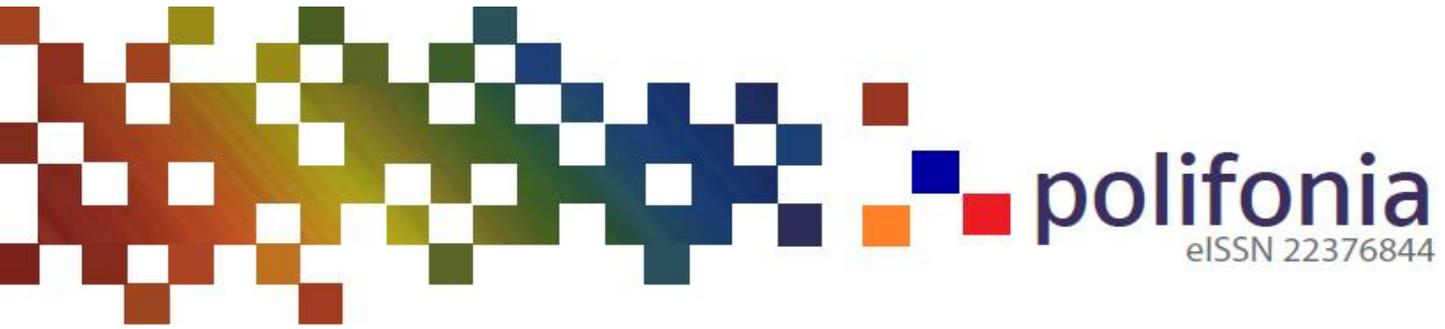
e político-administrativos, tendo em vista a sucessão frenética de ministros da saúde, a lentidão na tomada de decisão, o fomento a discursos de discórdia e de negação da gravidade da crise, os cortes orçamentários imprudentes, a apatia das forças de oposição e a leviandade com que os desafios foram tratados no debate público. Outros muitos fatores poderiam ser enumerados.

Foram o bastante para que a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19 fosse instaurada em abril de 2021, por solicitação do senador Randolfe Rodrigues (REDE-AP), devido à situação sanitária gravíssima em que se encontrava o Estado do Amazonas. As principais acusações contra o Governo Federal envolvem descumprimento das medidas de prevenção pelo uso da máscara facial, atraso na compra das vacinas, investimento na compra de medicamentos sem comprovação científica de sua eficácia e propagação incisiva de opiniões panfletárias sobre tratamentos inócuos. Tal decisão parlamentar nos parece o ápice da consternação sentida por milhares de brasileiros indignados que se perguntam por quê:

Presidente, por que o senhor não começou a agir assim que viu as filas de caixões na Itália? Por que criou uma falsa dicotomia entre saúde e economia, quando, na verdade, o senhor nos deixou sem leitos e sem empregos? Por que, mesmo com Jacinda Ardern, Angela Merkel e Tsai Ing-wen como modelos, o senhor decidiu imitar Trump, líder do país responsável pelo maior número de mortes por Covid-19? (AMARAL, 2021, p. A2)

A lista de perguntas que jamais serão respondidas prossegue pela coluna jornalística da cientista política e deputada federal Tabata Amaral (PDT-SP), mais uma de tantas publicadas nos periódicos nacionais como reação às atitudes da equipe de Jair Bolsonaro, que resultaram, para além das perdas irreparáveis, no descrédito do conhecimento científico. O nosso olhar político para a ciência fracassou. O que podemos fazer daqui em diante é tentar evitar o mesmo erro quando o próximo coronavírus nos atacar. Evitar negligenciar algo tão perigoso e doloroso. Nesse sentido é que nos amparam as lições que conseguimos depreender de alguns textos de Calvino que aqui destacamos.

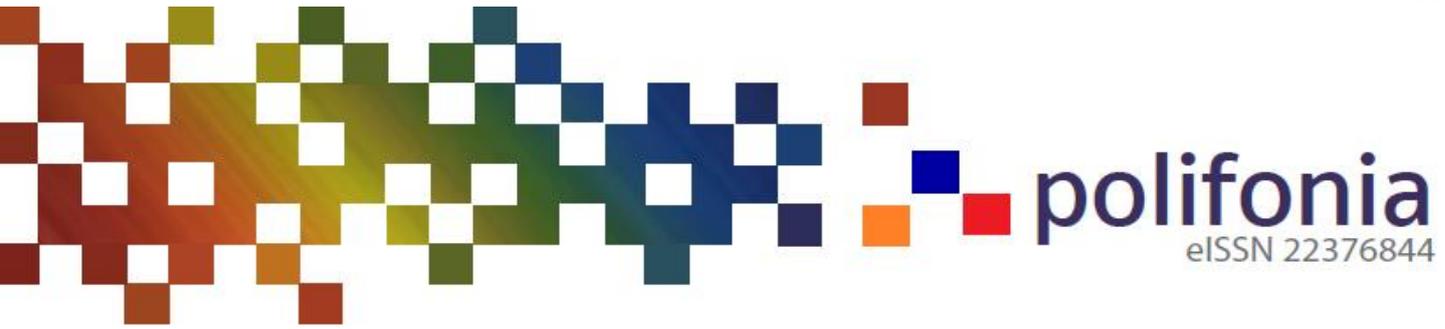
Assim como nestes dois últimos anos, também nos períodos em que o escritor publicou tais textos, a ciência se erguia como importante interlocutora da política, palco privilegiado de debates acalorados e desconfianças generalizadas. Sua postura, entretanto, sempre muito



corajosa, era de ler ciência, estudá-la, buscar entendê-la mesmo como leigo para que pudesse, ao menos, armar-se de mais recursos que lhe ajudassem a enfrentar a história. Um pensador cada vez mais lido e traduzido ao longo dos anos de sua carreira, indicado como leitura obrigatória em vários níveis escolares na Itália e em outros países, crítico renomado e requisitado para entrevistas (ainda que fosse do tipo mais recluso e econômico em palavras), jamais se esquivava de analisar seu tempo e as transformações que este impunha. Lia avidamente estudos científicos que iluminassem o beco sem saída em que muitas vezes afirmava estar.

E prestava contas dessas leituras em seus textos, quer fossem sobre ciência, quer fossem sobre política ou outro grande tema. Em “Fascismo psicanalizzato”, publicado no jornal *l'Unità* em 1946 (CALVINO, 2001, p. 2106-2109), momento de seu primeiro romance, ele se mostra muito descontente com as interpretações do fascismo dadas pela psicanálise. Menciona os estudos que então eram publicados na perspectiva de realçar a faceta de perturbação psíquica ou de complexo sadomasoquista dos fascistas, como se aqueles indivíduos fossem fascistas “no cérebro”. Diferentemente dessa proposta, ele investe numa leitura histórico-social do movimento, de estrutura econômica e ideológica, concordando com Elio Vittorini quando dizia que existia um fascismo mais “substantivo”, e não só “adjetivo”, a ser combatido em suas raízes de classe (CALVINO, 2001, p. 2108).

Ainda nesse ano de 1946, escreve outro texto breve ao *l'Unità* intitulado “Comisso sentimentale” (CALVINO, 2001, p. 2121-2123). Diverge do autor do título quanto à acusação que fazia contra os escritores, de se esquivarem do enfrentamento das questões mais prementes suscitadas pelo pós-guerra. Giovanni Comisso, segundo Calvino, chegara a afirmar em seu último artigo à *Fiera letteraria* que a sociedade passava por aqueles problemas tão graves porque a literatura não os enfrentava devidamente, abdicando desse seu papel político e questionador. Discordando claramente dessa visão, reage: “não são os escritores que



determinam a história e a sociedade, mas a história e a sociedade que determinam os escritores” (CALVINO, 2001, p. 2122, tradução nossa).<sup>1</sup>

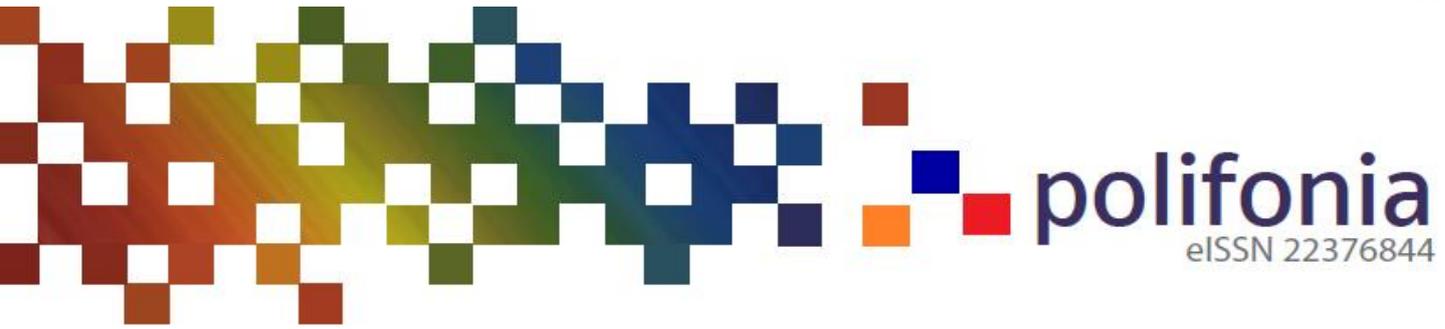
O passo seguinte é pensar que elas também determinam os cientistas, apesar de não serem culpabilizados por omissão da mesma forma que os literatos. Logo: que tipo de escritores e de cientistas a sociedade brasileira atual tem determinado? E além: que olhar para a ciência essa sociedade brasileira arremessou desde o início da pandemia do novo coronavírus?

Vimos autoridades representativas, como o Ministro da Economia do atual governo sustentando efusivamente na reunião do Conselho de Saúde Complementar de 27 de abril de 2021 a mentira de que a Covid-19 foi uma invenção laboratorial chinesa e de que a vacina CoronaVac, desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac em parceria com o Instituto Butantan, é menos eficaz que o imunizante estadunidense desenvolvido pela Pfizer, no exato instante em que milhares de doses de vacinas e insumos essenciais para a sua fabricação chegavam ao nosso território e eram aplicadas em massa (MARTELLO, 2021). Vimos o Presidente da República organizar comícios e festejos sem o uso de máscara, com aglomeração de centenas de pessoas quando já não havia mais leitos em Unidades de Terapia Intensiva (UTI), inclusive (maior contradição de todas) no dia em que sua esposa, Michelle Bolsonaro, anunciou ter sido diagnosticada com Covid-19 (BENITES, 2020). Vimos o Ministro da Casa Civil, Luis Eduardo Ramos, na mesma reunião do Conselho de Saúde Complementar, admitir ter se vacinado às escondidas para que o ânimo do Presidente, um dos mais influentes negacionistas, não fosse azedado (PORTAL UOL, 2021).

Enquanto nossa gestão política da mais grave crise sanitária das últimas décadas mostra-se pouco crível e até risível, encontramos em Calvino um escritor que, diante de outras crises humanitárias, defende que a literatura não tinha de ser obrigatoriamente sentimental para que estivesse à altura dos fatos. A história era inédita, os sentimentos também. A literatura, responde a Comisso, não poderia mobilizar os mesmos sentimentos do século anterior para narrar a guerra. Eles ainda precisavam ser criados. Tamanho era o desafio da nova geração de escritores

---

<sup>1</sup> No original: “non sono gli scrittori a determinare la storia e la società, ma la storia e la società a determinare gli scrittori”.



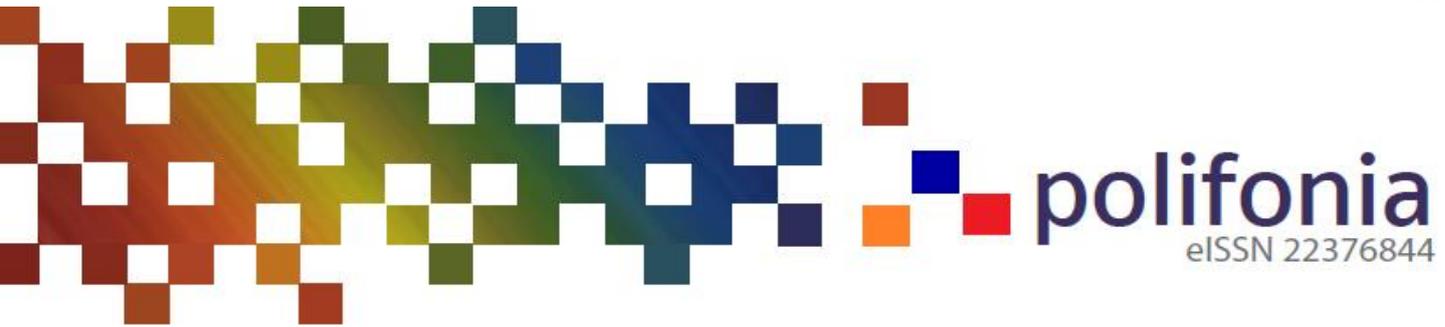
italianos na década de 1940 (simbolizado pela imagem de olhar o mundo não mais como Thomas Mann, da alta balaustrada, mas sim escorregando pelo corrimão de uma escada, em “Le sorti del romanzo” (CALVINO, 2001, p. 1512-1514)).

E completa sua argumentação referindo-se à “impiedade do cientista” (CALVINO, 2001, p. 2123, tradução nossa)<sup>2</sup> de que deveriam se imbuir os literatos nessa difícil missão. Cabe-lhes falar de seu tempo e de seu povo procurando tocar em suas necessidades visíveis ou latentes de um ponto vista sempre social, histórico e humano. Já que tinham de aprender a lidar com aquela sociedade, que convocassem a ciência como aliada. A perspicácia, a clareza, a agudeza, a frieza que alicerçam metodologicamente o fazer científico moderno e pós-moderno poderiam servir de proteção para que o tombo daquela descida vertiginosa pela escada doesse menos. Destaca-se dessa análise de Calvino a visão de que ser cientista implica uma responsabilidade social tão grande quanto a de ser escritor, porque afirma que a ciência traz à humanidade a salvação.

Outro texto de 1946, “De Broglie e Bikini” (CALVINO, 2001, p. 2124-2126), aumenta o grau de importância desse papel pela afirmação de que a ciência sempre vai mais longe, com suas descobertas e seus novos olhares para o mundo, do que a própria sociedade (que nunca consegue verdadeiramente acompanhá-la, permanecendo, por vezes, estagnada). O autor, porém, depois esse raciocínio, acaba endereçando aos cientistas a atribuição de tentarem por conta própria diminuir tal distância, empenhando-se para que seus conhecimentos rendam bons frutos sem causar medo ou incompreensão. Talvez aqui Calvino se mostre muito exigente com a ciência ao lhe designar a tarefa de também assegurar que os resultados de seus processos sejam bem aceitos pela sociedade que, a rigor, já é “salva” por eles, como defende. Ainda assim, foi esse realmente o movimento histórico que se desenrolou nas décadas posteriores, ajudado pela ascensão de novos meios de comunicação mais massivos e com recursos audiovisuais bem avançados, possibilitando à ciência especializar seus modos de divulgação e facilitação da informação científica.

---

<sup>2</sup> No original: “spietatezza dello scienziato”.

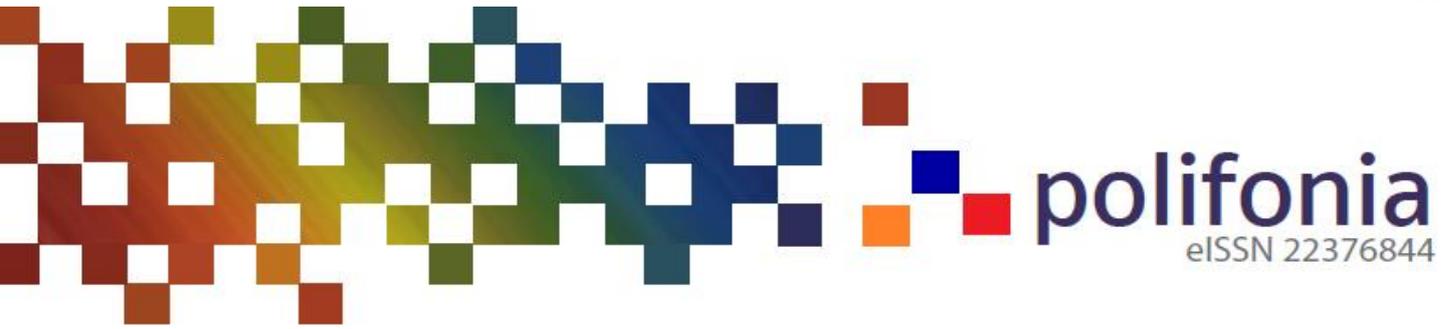


Localizamos, inclusive, nesse contexto de final dos anos 1940, o fortalecimento do diálogo entre ciência e sociedade que culmina propriamente na organização da divulgação científica como área de saber institucionalizada. Mendes (2006) trabalha em sua tese com a hipótese de que:

[...] os cientistas, atores no processo de institucionalização e profissionalização da ciência no período do pós-Segunda Guerra, tenham utilizado a divulgação científica como um instrumento de visibilidade e de legitimidade de sua prática, preocupados em criar um público mais favorável à ciência que poderia ser mobilizado para apoiar o trabalho científico. Podemos inferir que, juntamente ao esforço de divulgar conhecimentos produzidos pelos cientistas, havia o interesse de construir um ambiente social favorável à ciência e, portanto, legitimar e validar essa prática na sociedade. Naquele contexto específico, os cientistas empenharam-se na luta por um projeto de carreira, autonomia, reconhecimento social e a divulgação científica funcionou como instrumento de construção do papel social da ciência e dos cientistas (MENDES, 2016, p. 14)

Já no cenário atual de pandemia, entendemos que a ciência, particularmente as especialidades médicas, tem investido muitos esforços no esclarecimento público de suas premissas de base, suas hipóteses provisórias para justificar o comportamento do novo coronavírus, os métodos preventivos mais eficazes ou os tratamentos mais seguros para casos de contaminação, de agravamento, de reincidência, de probabilidade de sequelas. Na contrapartida, porém, desse intenso movimento de vir a público apresentar o que também na história da própria ciência era inédito e muito desafiador, há o movimento de desmobilização política por parte de muitos grupos, chamados desde o início do surto de negacionistas, incluindo autoridades brasileiras, celebridades, grandes empresários e cidadãos comuns que, convivendo no mesmo ciberespaço de debate, ocupando lugares de fala nas mesmas mídias tradicionais ou digitais, como as redes sociais, deslegitimam o discurso científico em nome de um “cientificismo” próprio, infundado e propositalmente perverso (tal argumento também embasa a análise de Bastos e Barros (2020) acerca dos movimentos sociais na era das tão faladas mídias de relacionamento).

Nota-se, quando a questão é se a ciência deve ocupar esse espaço do debate público, que sem as fortes alianças políticas que se estabeleceram entre universidades conceituadas, institutos de pesquisa espalhados pelo globo, investidores particulares, capital de grandes



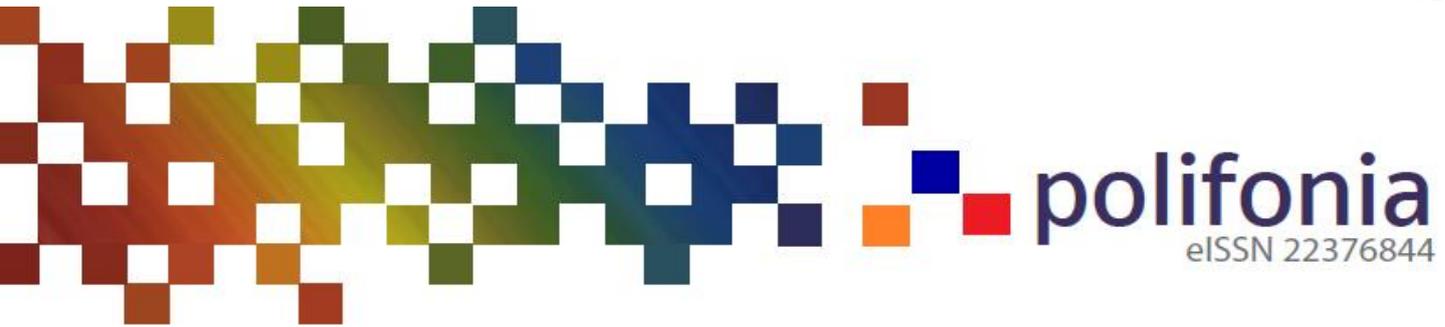
corporações e os cofres públicos, estaríamos ainda mais distantes no combate à Covid-19. Entretanto, fica sempre a dúvida: a ciência deve realmente estar tão próxima da iniciativa privada e do poder estatal? Lutar por autonomia é algo que a ciência faz há muitos anos, como já referimos. Autonomia de temas, problemas, métodos, *corpi*, referenciais teóricos é um dos pilares para um desenvolvimento de projetos de pesquisa sem fins utilitaristas – preocupação presente em muitos textos de Calvino. Ciência pela ciência.

Segundo Garcia e Martins (2009),

A relação moderna entre o conhecimento científico e a esfera da indústria foi revolvida e, mais do que estar a serviço da tecnologia e da indústria, a ciência encontra-se hoje determinada por elas. É nessa afinidade eletiva que se revela a mudança dos saberes, em laboratórios universitários e de outras organizações. Na sequência da transformação da ciência em organização burocrática de grande escala devotada à produção, durante e após a Segunda Guerra Mundial, entra em cena a nova tecnociência empresarializada.

Essas também eram inquietações para Calvino e seus contemporâneos. Ele as resolve em “De Broglie e Bikini” aludindo à necessidade de uma ciência blindada contra interesses, mas, ao mesmo tempo, que tome a iniciativa de fazer o caminho em direção ao público leigo, atenuando seu caráter amedrontador. Desde então, a gestão dessa delicada equação não foi bem-sucedida segundo Garcia e Martins (2009), tendo ocorrido a inversão de seus elementos: o conhecimento passa a não nascer mais na ciência para depois ser aplicado pela esfera industrial e comercial; é, na verdade, encomendado e financiado por essa esfera para que lhe sirva como uma luva em suas necessidades capitalistas.

O enfoque na propagação do saber científico é retomado em “Lo sport della scienza” (CALVINO, 2001, p. 2221-2223). Escrito em 1955 para *Il Contemporaneo*, esse artigo sublinha a nossa relação histórica com as doenças, que, mesmo sendo combatidas com técnicas sagazes, insistem em se aninhar nos lugares mais recônditos dos nossos corpos. É outra reflexão de Calvino, portanto, que se aplica ao nosso tempo, reforçando a percepção construída aqui de que a sociedade brasileira neste momento escolhe a maneira com que vai se relacionar – intelectualmente, pragmaticamente ou até emocionalmente – com a nova doença surgida em 2019. Para além da lúcida e atual constatação, a descrição dos vírus como “populações mínimas



da natureza” (CALVINO, 2001, p. 2221, tradução nossa)<sup>3</sup> sempre prontas a reconquistar ou fundar novos reinos (poliomielite e leucemia são duas doenças ali nomeadas que marcavam aquela época), contra os quais levantamos os nossos medos estabelecendo uma guerra não só farmacêutica, industrial ou científica, mas, acima de tudo, econômica e comunicacional, também nos remete a esta última epidemia mundial.

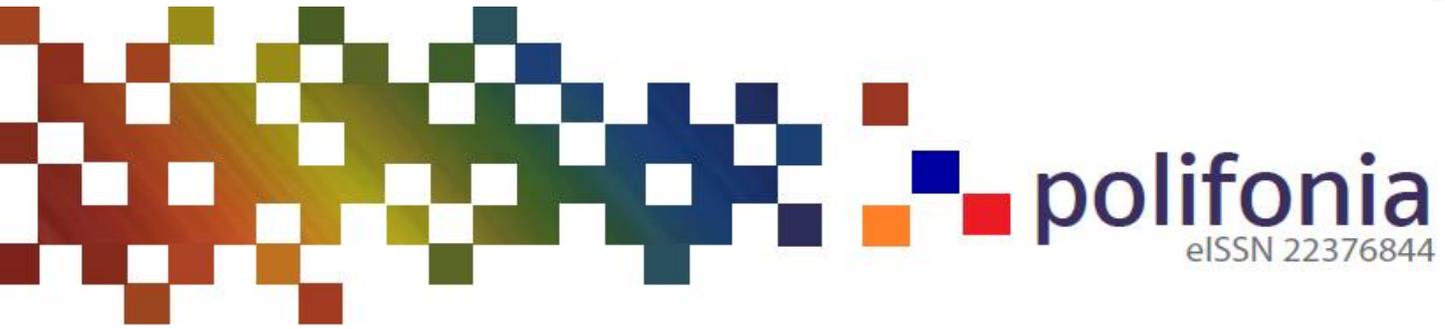
Dentro da esfera da comunicação, a publicidade jornalística dirigida a um público em massa se dedicaria a criar um clima de competição esportiva no entendimento de Calvino, de exaltação dos ânimos, que contrasta completamente com o trabalho científico, lento, cuidadoso, prudente, cansativo, laborioso, “uma progressiva aproximação e busca” (CALVINO, 2001, p. 2222, tradução nossa).<sup>4</sup> Os termos “aproximação”, “busca” e “cansaço” aparecem frequentemente vinculados ao fazer científico em sua obra. Recentemente foi necessário entender que os cientistas não tinham de pronto respostas para as dúvidas sobre o novo vírus. Menos ainda sobre as vacinas que passaram a ser mundialmente evocadas. Enquanto isso, boatos ganharam corpo na mídia, maciçamente criados pelos não especialistas. Aconteceu o temível “esporte da ciência” referido no título do texto. A grande corrida. Gritos e desavenças pouco diplomáticas características das partidas de futebol brasileiro em decisão de campeonato foram presenciados nos espaços estritamente políticos, onde as decisões estratégicas, econômicas e humanitárias tinham de ser resolvidas.

“Existe uma falsidade nesse sistema, que se sobrepõe à preocupação pelas vidas em risco, à admiração pelo cansaço taciturno e pesado da ciência, e que intenciona afirmar a habilidade, a velocidade, a organização em si mesmas, como um pretexto abstrato para a emoção” (CALVINO, 2001, p. 2223, tradução nossa).<sup>5</sup> Estes são os pontos aclamados na corrida científica para que causem uma emotividade descabida nesse contexto. Em síntese, o pressuposto é de que, se as máquinas estão cada vez mais pensantes (hoje adjetivadas como

<sup>3</sup> No original: “minime popolazioni dela natura”.

<sup>4</sup> No original: “progressiva approssimazione e ricerca”.

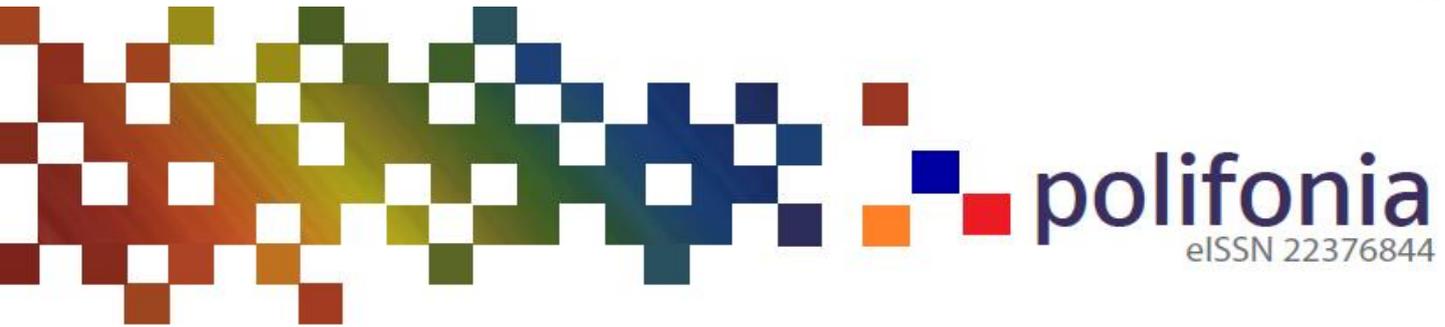
<sup>5</sup> No original: “C’è qualcosa di falso, in questo sistema, che si sovrappone all’apprensione per le vite in pericolo, all’ammirazione per la grave taciturna fatica della scienza, ed è inteso ad affermare l’abilità, la velocità, l’organizzazione in se stesse, come astratto pretesto d’emozione”.



inteligentes e autônomas em seu processo de aprendizagem), os seres humanos também deveriam estar, e não o contrário, exasperados e viscerais. A história exige cautela e prudência – uma história que empurra a geração de Calvino da Segunda Guerra Mundial à Guerra Fria, à bomba atômica, à conquista espacial (com a chegada do homem à Lua e as primeiras fotografias tiradas de Marte pela sonda Viking 1º, por exemplo) e à era da computação avançada e do advento da internet. O escritor italiano se posiciona em sua obra crítica a respeito de todos esses acontecimentos, ocupando seu lugar num espaço dividido com diversos outros intelectuais, como o lembrado Vittorini.

O mesmo incômodo com esse tipo de divulgação jornalística permeada por tons de comoção e de angústia exacerbada reaparece anos depois, em 1976, em “Del mantenere la calma” (CALVINO, 2001, p. 2279), longo texto de primeira página do *Corriere della Sera*. O escritor se diz chateado com todas as notícias que lia diariamente e que o faziam, em verdade, desejar fechar o jornal, fugindo das manchetes escandalosas que provocavam alvoroço. Novamente se mostra racional e analítico porque, na sua visão, é preciso sempre manter a mente fria (principalmente quando se trata de crimes políticos): os leitores dos periódicos de modo geral, como cidadãos a serem informados; ele em particular como escritor e crítico; e também os políticos como líderes de um coletivo. Confessa ficar orgulhoso de viver num país como a Itália, onde a maior parte dos governantes e das autoridades políticas normalmente segue métodos e procedimentos um tanto invariáveis e equilibrados para enfrentar sua agenda, ainda que essa imagem de autocontrole seja de fachada, ao passo que representantes de outros países transpareciam simplesmente não possuir competência, aptidão ou interesse para resolver o que era necessário.

Outra ressonância com nosso momento atual, no qual presenciamos maneiras bem intempestivas, improvisadas e temperamentais de tomar decisões cruciais e de justificá-las publicamente. Segundo matéria de Chaib e Machado para a *Folha de São Paulo* de 01 de maio de 2021, a CPI da Covid-19 já havia levantado até a data mais de 200 falas negacionistas do Presidente da República, aludindo, por exemplo, ao superdimensionamento do poder da doença, à semelhança entre os sintomas da nova doença e os da gripe comum, e à duração passageira



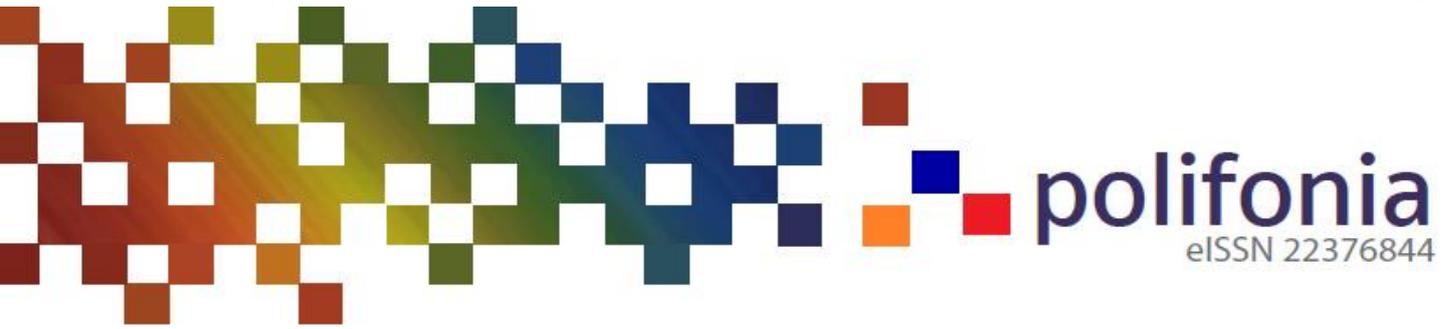
da pandemia, que não justificaria o isolamento social. O negacionismo se espalha rapidamente ao viralizar pelas plataformas digitais de relacionamento e de trocas de conteúdo, muito apropriadas, aliás, a esse tipo de notícia bombástica. Quando os fatos já são por si só afeitos à vibração dos nervos, alerta Calvino, os danos comunicacionais são ainda mais profundos.

Mais uma inflexão para os reais impactos do desenvolvimento científico-tecnológico nos rumos da humanidade aparece em “Il tramonto della luna” (CALVINO, 2001, p. 2316-2319), publicado originalmente em *Corriere della Sera* em 1977. A morte do astronauta Von Braun, tripulante na missão Apolo 11 até a Lua oito anos antes, motivou sua escrita. A questão que realmente importa ao autor é a nossa questão na Terra, não na Lua; como entendemos a nossa situação, como resolveremos os nossos problemas aqui independentemente de sabermos que logo ali, em Marte, o que há é um imenso deserto vermelho. Calvino procura incessantemente acalmar os ânimos agitados com boas doses de ponderação sobre as grandes conquistas humanas propícias ao espetáculo publicitário (hoje “midiático”), e de amarga reflexão sobre as verdadeiras conquistas tácitas, invisíveis, imperceptíveis que sequer foram alcançadas.

Diversos outros textos calvinianos expõem essa busca constante por uma aproximação da realidade calculada e friamente otimista. Um apaixonado leitor de estudos de diferentes áreas do conhecimento – a matemática, a astronomia, a antropologia, a genética, a historiografia e a física são algumas – que recorria a outros livros quando provavelmente se sentia sem respostas em meio aos seus, necessitando renovar métodos, medidas, teorias, lentes para o mundo. A revisão bibliográfica desses temas que interseccionam Calvino, política e ciência está longe de se esgotar nas referências aqui apontadas, mas esperamos sirva de início.

### **3. Quatro lições para o próximo coronavírus**

Fica a curiosidade: o que Calvino pensaria desse cenário político da pandemia do novo coronavírus? Ou: como atuaria enquanto figura pública nesse palco marcado por falácias, desafetos, violências, desigualdades entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, profissões com e sem qualificação, políticos com e sem visão humanitária e estratégica? E ainda:

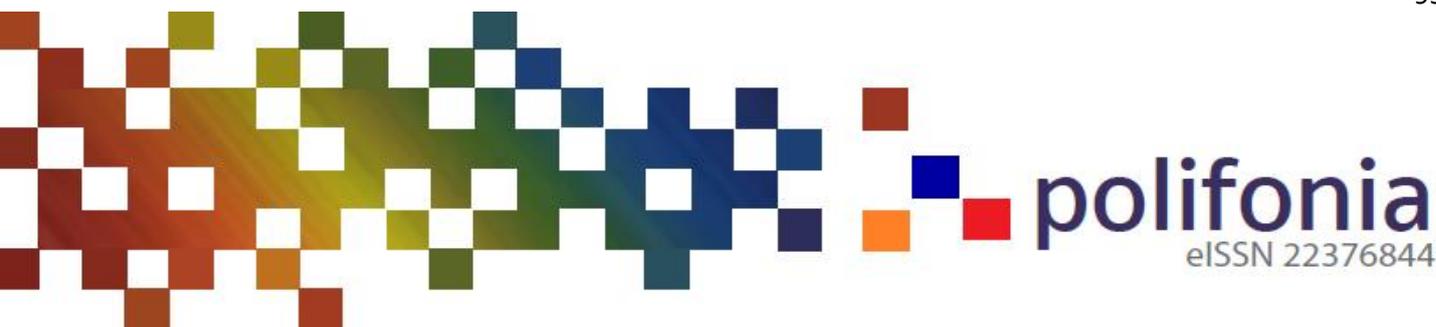


respeitaria o isolamento social, cumpriria todos os protocolos da Organização Mundial da Saúde (OMS), torceria pela vacina antiviral, e o que pensaria de todos aqueles que assumissem a posição contrária?

Todas as respostas, que também nos cabem evidentemente, apontam para decisões estritamente políticas. O que fazemos e como nos comportamos durante uma pandemia inédita e de proporções impensáveis pelas gerações atuais nunca significaram tanto politicamente. Atitudes que dizem respeito ao coletivo, portanto políticas. Atitudes que dizem respeito a qual sistema de saúde pública cada país adota, portanto políticas. Atitudes que dizem respeito a como e quando decidimos circular pelos espaços públicos, portanto políticas. Atitudes que dizem respeito ao valor que se atribui à própria vida e à vida dos que nos cercam, principalmente daqueles segregados nos “grupos de risco”, portanto políticas (a própria adoção dessa nomenclatura, depreciativa no entendimento de Beigelman (2020), é política). As lições que Calvino nos deixa como legado desnublam o momento tão sensível e desolador que vivemos hoje.

A primeira lição para o próximo coronavírus é buscar acompanhar sempre a ciência e os desafios que ela apresenta sem medo do que ela possa revelar em relação ao mundo e aos fenômenos que estuda ou em relação a nós mesmos. Esse passo adiante Calvino executa excelentemente em sua obra, pois, na nossa visão, assume com coragem o embate com questões não só complexas, mas polêmicas e ainda embrionárias, o que dificulta a escolha de critérios de análise. Mas é preciso despir-se de dogmas, preconceitos, visões limitantes. Se são insuficientes, basta que criemos novos critérios.

A segunda lição para o próximo coronavírus é respeitar o ritmo do trabalho científico, de lentidão, de aproximação, de exaustão, de empenho, de pesquisa. A ciência leva tempo. A ciência custa tempo. A ciência depende do tempo próprio de maturação da observação, da experimentação e da testagem referidas na primeira lição. E isso não significa que seus resultados sejam demorados porque duradouros; ela lida com a instabilidade, a provisoriedade e a falibilidade a todo momento (e de modo abertamente declarado do século XX em diante).

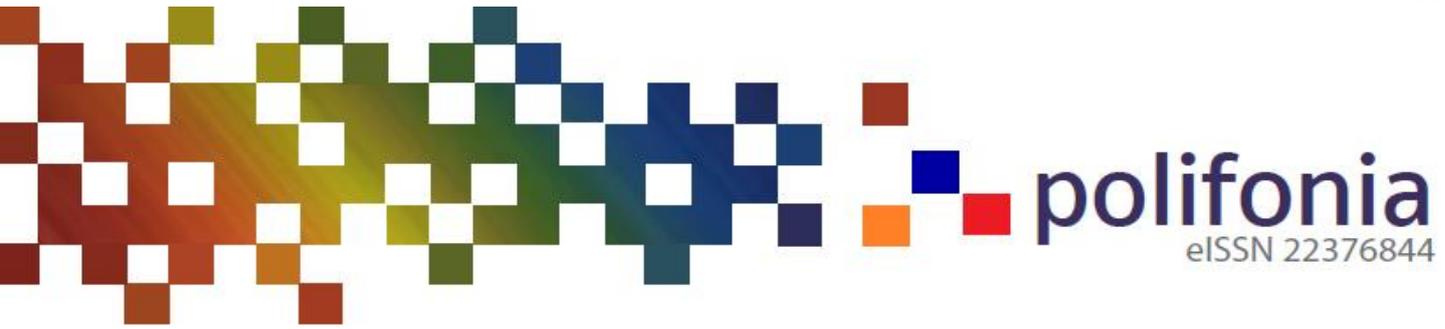


A terceira lição para o próximo coronavírus é tentar pensar com a maior clareza e frieza possíveis sobre a realidade que se vive, por mais caótica que ela possa parecer, porque só assim será possível ter calma para escolher ângulos novos e mais privilegiados de solucionar desafios e tirar conclusões acertadas. É como se devêssemos na terceira lição colocar em prática em nosso dia a dia o que aprendemos na segunda.

A quarta e última lição para o próximo coronavírus é escapar da perversidade da manipulação das informações, da espetacularização de acontecimentos de toda ordem, não só políticos ou científicos, potencializada pelas próprias tecnologias de difusão, transmissão, veiculação, publicização das notícias. As tecnologias conhecidas por Calvino se transformaram radicalmente em razão do surgimento de novas e mais sofisticadas tecnologias digitais, o que, de certo modo, agravou a situação de penúria do debate público. O escritor não chegou a presenciar o surgimento das redes sociais e o fenômeno das notícias falsas, que se constituem como novos atores da hiper rede de comunicação contemporânea, intensificando a capacidade de desorientação das fontes anônimas. Os inimigos à credibilidade da informação se multiplicaram, adquirindo roupagens de serviços gratuitos, democráticos, confidenciais e confiáveis (tudo o que sempre quisemos em nossas vidas), quando, na verdade, nos vigiam inescrupulosamente para nos venderem o que sequer sonhávamos que desejávamos. O alerta dessa lição aponta para o principal obstáculo à realização das outras três.

### **Considerações finais**

Nosso objetivo neste artigo foi analisar o olhar político para a ciência que Italo Calvino gradativamente constrói em alguns de seus textos jornalísticos motivados por fatos que marcam seu tempo. Uma seleção restrita de artigos publicados em periódicos entre 1946 e 1977 foi abordada de modo crítico, reflexivo, comparativo e qualitativo, para que fosse viável compor um conjunto revelador de seus interesses pela política e pela ciência. A análise desse breve panorama permitiu compreender que não existem linhas de força nítidas em sua obra, até



porque, enquanto linhas de força, são fluidas e emaranhadas, não sendo possível recortar “Calvino e a política” sem ficarmos com arestas de “Calvino e a ciência” sob os nossos olhos.

Por sugestão do título da mesa-redonda que compunha a *Jornada Virtual Italo Calvino: Linhas de Força*, a palavra “ciência” foi aqui mantida no singular; contudo, sabemos que assim se sobrecarrega semanticamente, sendo possível entendê-la muito abertamente, abarcando áreas de pesquisa e de ensino muito diversificadas, bem como saberes históricos e culturais que transitam em seus interstícios, aproximando-se da própria literatura e da crítica.

O percurso por entre os textos trouxe contribuições significativas para refletir sobre o cenário político brasileiro atual. À medida que Calvino comenta sobre as responsabilidades sociais de cientistas e de políticos e sobre o jogo de cena dessas personagens através de manchetes e telas emocionadas, torna-se inevitável não lembrarmos o modo com que estamos construindo nossa história e determinando assim nossas futuras gerações. Acompanhar a leitura que Calvino faz da ciência é o mesmo que nos olharmos num espelho.

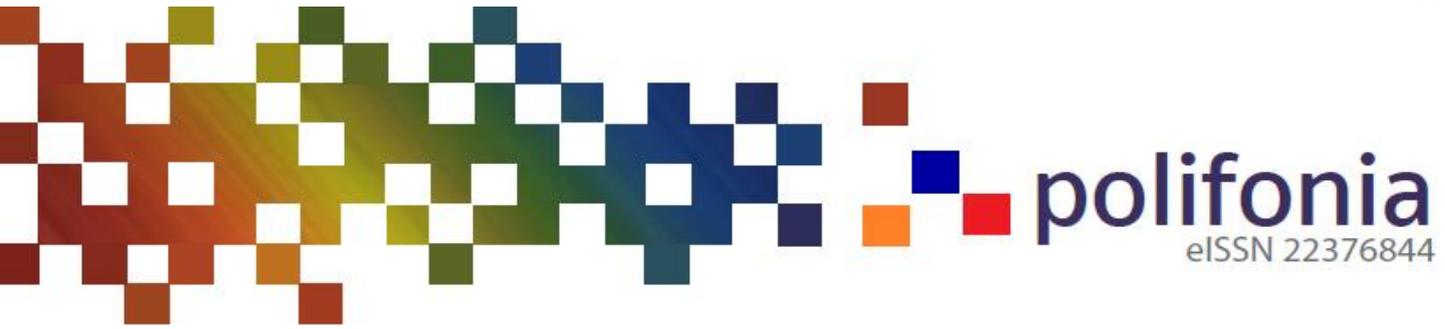
As quatro lições para o próximo coronavírus em que ele tanto insiste tocam no medo do desconhecido, na impaciência da análise, na ação coletiva inconsequente e na fuga da realidade. Tocam em nossas feridas, portanto. Em nossos traumas. Na feliz negação de quem verdadeiramente somos e na ignorante negação de como as nossas relações socioambientais podem se desarmonizar. Concluimos, dessa maneira, que são lições que não devem ser esquecidas.

## Referências

AMARAL, T. Por que, Bolsonaro?. *Folha de São Paulo*, Caderno Opinião, São Paulo, A2, 1º maio 2021.

BASTOS, E. A. V.; BARROS, B. L. B. de. Práxis, redes sociais e processo de politização: uma análise das novas manifestações sociais perante as democracias liberais. *Revista Meritum*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 261-279, jan./abr. 2020. Disponível em: <<http://revista.fumec.br/index.php/meritum/article/view/7882>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BEIGUELMAN, G. Apresentação da Obra Coronário. *Instituto Moreira Salles*. 2020. Disponível em: <https://coronario.ims.com.br/>. Acesso em: 05 jan. 2021.



BENITES, A. Com “mofo no pulmão”, Bolsonaro volta aos ‘comícios’ em plena pandemia. *El País Brasil*, s/p, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-30/bolsonaro-volta-aos-comicios-em-plena-pandemia.html>. Acesso em: 02 out. 2020.

CALVINO, I. *A trilha dos ninhos de aranha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALVINO, I. *Saggi 1945-1985*. A cura di Mario Barenghi. Milano: Mondadori, 2001, 2 tomi.

CHAIB, J.; MACHADO, R. CPI levanta mais de 200 falas negacionistas de Bolsonaro. *Folha de São Paulo*, Caderno Poder, São Paulo, A10, 01 maio 2021.

GARCIA, J. L.; MARTINS, H. O *ethos* da ciência e suas transformações contemporâneas, com especial atenção à biotecnologia. *Scientia studia*, São Paulo, v.7, n. 1, jan./mar. 2009.

HARAWAY, D. J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

MARTELLO, A. Guedes diz que chinês inventou vírus da Covid e que vacina do país é ‘menos efetiva’ que a dos EUA. *Portal G1 Globo*, Seção Política, Brasília, s/p, 27 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/04/27/guedes-diz-que-chines-inventou-virus-da-covid-e-que-vacina-do-pais-e-menos-efetiva-que-a-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2021.

MENDES, M. F. A. Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958). 2006. 256 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasiliana/media/MartaAbdalaMendesTese.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PORTAL UOL. Ramos diz que tomou vacina escondido e tenta fazer Bolsonaro se imunizar, s/p, 27 abr. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/04/27/ministro-ramos-diz-que-se-vacinou-escondido-por-orientacao-do-planalto.htm>. Acesso em: 27 abr. 2021.